

Web brasileira: a materialização multidimensional do fenômeno no ciberespaço.

Kalynka Cruz.

Cita:

Kalynka Cruz (2017). Web brasileira: a materialização multidimensional do fenômeno no ciberespaço. XXXI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Montevideo.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-018/2667>



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**WEB BRASILEIRA E A MATERIALIZAÇÃO
MULTIDIMENSIONAL DO FENÔMENO NO CIBERESPAÇO**

Kalynka Cruz-Stefani

kalynka@ufpa.br

EHESS

França



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

Este trabalho visa discutir as relações sociais antes e depois do ciberespaço, focalizando-se sobre a ação dos haters brasileiros na web. Pretende este trabalho expor a ideia de que após a chegada do ciberespaço o fenômeno passa a ser materializado de forma multidimensional e esta materialização multidimensional torna-se na web uma das chaves para o exercício do pensamento complexo. Nesta materialização dos fenômenos no ciberespaço, há um processo contínuo de tensão: uma série de elementos se reafirmam e se contradizem até que os mais fortes se solidifiquem e proporcionem a materialização multidimensional do fenômeno. Na multiplicidade dos elementos está a multidimensionalidade na materialização de um fenômeno, assim como a possibilidade de acesso simultâneo a estes vários elementos que permite, portanto, a preponderância da lógica abdutiva superando a predominância de uma falsa lógica axiomática. Na materialização multidimensional do fenômeno o tempo é alinear e tem velocidade diferenciada, por isso é possível dialogar/manipular quase instantaneamente os elementos do passado e do presente, comparando-os, considerando-os.

Palavras-chave: Phenomenon. Multidimensional materialization. Cyberspace.

ABSTRACT

This paper aims to discuss social relations before and after cyberspace, focusing on the action of Brazilian haters on the web. This work intends to expose the idea that after the arrival of cyberspace, the phenomenon becomes multidimensional and this multidimensional materialization becomes the web one of the keys to the exercise of complex thinking. In this materialization of phenomena in cyberspace, there is a continuous process of tension: a series of elements reaffirm and contradict each other until the stronger ones solidify and provide the multidimensional materialization of the phenomenon. In the multiplicity of elements is the multidimensionality in the materialization of a phenomenon, as well as the possibility of simultaneous access to these various elements that allows, therefore, the preponderance of abductive logic surpassing the predominance of a false axiomatic logic. In the multidimensional materialization of the phenomenon, time is aligned and has differentiated velocity, so it is possible to converse / manipulate almost instantaneously the elements of the past and the present, comparing them, considering them.

Keywords

Phenomenon. Multidimensional materialization. Cyberspace.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

WEB BRASILEIRA E A MATERIALIZAÇÃO MULTIDIMENSIONAL DO FENÔMENO NO CIBERESPAÇO

Este trabalho visa discutir a questão da razoabilidade no mundo e o papel do ciberespaço nesta problemática. Razoabilidade esta que é prejudicada por fatores desagregantes, entre eles a cacofonia e a polifonia, na web. Acreditamos que esta busca de razoabilidade pode se dar por meio do pensamento complexo. Este pensamento complexo, ensina-nos Edgar Morin, só pode se desenvolver com a criticidade que leva às quebras paradigmáticas e consequente libertação das mentes sequestradas pelas crenças arraigadas. Defendemos neste trabalho que este pensamento complexo encontra potencialidade na internet, especificamente, por meio daquilo que chamamos de Materialização Multidimensional do Fenômeno (Cruz-Stefani, Kalynka, 2015), mesmo que seja prejudicado pela cacofonia cada vez mais crescente do ciberespaço, provocada entre outras coisas, por uma polifonia ligada muitas vezes a interesses ideológicos e sócio-econômicos.

Em alguns momentos muito simbólicos a sociedade perdeu sua razoabilidade. Não falamos aqui de processos de coletividades de porte reduzido (como linchamentos, vandalismos ou outros atos condenáveis protagonizados por pequenos grupos), isto se dá, evidentemente todo tempo, falamos na verdade da perda coletiva massiva da razoabilidade, representada em momentos significativos, como, por exemplo, em situações mais amplas, tais quais as guerras e episódios mais específicos como o nazismo. A desumanização de um povo é evidentemente a prova da perda da razoabilidade. Mesmo que responda a interesses secundários, não deixa de ser, todavia, uma perda coletiva de razoabilidade relacionada às crenças arraigadas. Um enlouquecimento coletivo, desprovido de motivação ética e de bom senso. Esse tipo de perda de razoabilidade gera e é gerada pelo desligamento. É por isso que os esforços de ligação são tão necessários na busca de razoabilidade na sociedade. De um simples bom dia à uma posição firme sobre uma injustiça presenciada, a importância dos atos humanizadores sempre foi inegável e se eles perdem nos espaços de interação tradicionais do cotidiano "presencial", ganham novo valor no ciberespaço.

A primeira impressão que temos, ao nos depararmos com a cacofonia digital, é que o mundo está em franco enlouquecimento e que a perda de razoabilidade é a máxima desse novo momento. A cacofonia é o problema do século? Perguntamo-nos. Ao menos no ciberespaço, parece que sim. Mas ao leitor que não conhece o termo, permita-nos uma breve introdução ao conceito de cacofonia no ciberespaço. Diferentemente da cacofonia de imagens que encontramos espalhada na web, a cacofonia digital a que nos referimos é aquela gerada pelo conflito de vozes que nasce do desejo individual de exprimir sua opinião na web, sem no entanto escutar e respeitar o espaço e direito de fala do outro. Gerada também pela grande propagação de informações na web proveniente de diversos atores, muitos deles sem nenhuma credibilidade — e distribuída em total desordem. Essa cacofonia é o contrário da inteligência coletiva, que foi prevista para a web, uma vez que impede que as informações e esforços coletivos de razoabilidade e espraio de ações propositivas se sintetizem e circulem como deveria acontecer.

Acredita-se com frequência que essa cacofonia é apenas um resultado "natural" da vivência no ciberespaço e é comum nos depararmos com argumentos que limitam a cacofonia ao fato de que



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

o ciberespaço está um caos, há muita desinformação, todos querem falar, mas têm preguiça de se aprofundar e buscar a verdade. Parece-nos, no entanto, ingenuidade afirmar que ela se dá apenas por estes motivos espontâneos como a desinformação pura e simples. Ela também parece estar ligada diretamente a interesses políticos, econômicos e ideológicos. Neste trabalho, chamamos a estes "interesses" polifonia, porque é inegável que a cacofonia também tem propósito gerado por outros. Então, escolhemos aqui diferenciar cacofonia na web como este primeiro processo aqui relatado, da cacofonia polifônica na web, que é, acreditamos, a nova construção de sentido, pois ela é também estrategicamente pensada e localizada geograficamente quando se faz necessária.

E por quem?

Há tantos agentes dessa nova construção de sentidos cacofônica — que tentam impor um estilo de vida e consumo — sob tantas justificativas que seria impossível catalogá-los. Para começo de conversa, é da natureza da internet 4.0 esse agendamento. O Facebook quer que você fique conectado em qualquer momento da sua vida. O Google quer que você siga suas armadilhas mercadológicas, todos estão chamando você todo tempo, como nas cenas externas do filme em “Minority Report” onde a publicidade invade até o ar respirado pelo personagem (metaforicamente falando, claro). Isto é uma forma de cacofonia que deve nos preocupar a todos, a dos detentores do poder na web, mas não é somente ela, infelizmente. Outros atores conscientes estão presentes e compõem esta polifonia por trás da cacofonia. Não é nenhuma novidade que nossa vivência e discurso respondem a um interdiscurso, coisa natural. No entanto, a polifonia a que nos referimos no ciberespaço, além de não naturalmente construída, é mais do que intencional, ela é estratégica. Ideológica. Funciona sob os auspícios daqueles que tentam fazer predominar suas *ideas* e crenças, lutam contra a perda de poder dos meios mais comuns de manipulação, como as mídias tradicionais. Mídias estas que tentam recuperar espaço na internet por meio de uma série de ações estratégicas, plantar a desinformação, o ódio e gerar assim um fluxo na direção que desejarem.

Interessante notar que em algum momento, com a popularização das redes e certa "inclusão digital", houve realmente uma impressão de que havia acontecido uma reinversão no poder comunicacional e as pessoas estavam todas deslumbradas com o direito à palavra. Parecia-nos que finalmente as grandes mídias e os canais oficiais responsáveis pela construção de sentido, pela manipulação, haviam perdido este poder, uma vez que informações veiculadas pelos grandes meios eram imediatamente comparadas e, se necessário, desmentidas on line. Todos os conectados queriam — e ainda querem — ter direito à publicização de sua voz. Mas, obviamente, como acontece em todos os sistemas, essa realidade sofreu um reordenamento que, como vimos, reflete-se em novas formas de poder e agendamento no ciberespaço. De um lado, aproveitando-se da cacofonia gerada por tanta gente que disputa espaço de voz, analisando, opinando, julgando. Por outro, operando por meio de elementos como *haters* e *trolls* ou ainda criando novos elementos no ciberespaço como os robôs, a militância paga de perfis e de páginas, as *fake news* etc. E, por fim, transformando cidadãos comuns em propagadores de desinformação e, alguns deles, em aquilo que chamamos de *neo-haters*, ou seja, um cidadão comum que é levado por uma onda cacofônica e que, sem perceber, acaba agindo como predador digital, como veremos em breve. De outro lado, essa cacofonia polifônica é, como dissemos, gerada propositalmente com diversas finalidades. Muitas daquelas polêmicas digitais que



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ingenuamente cremos terem surgido “naturalmente” respondem a uma série de interesses, como, por exemplo, tirar a atenção de algo e a realocar em outra coisa polêmica.

Recentemente, no Brasil, foram estimuladas uma série de ações no ciberespaço sobre assuntos aleatórios, mas polêmicos, enquanto se retirava atenção das pessoas de assuntos muito mais importantes, como determinadas votações no Congresso Nacional. Coincidência?

Mas e qual a mecânica da cacofonia intencional?

Há mais mistérios entre a tela de um computador e a mente de um estrategista digital do que possa supor nossa vã filosofia. Portanto, estamos longe aqui de esgotar as estratégias usadas para este fim. Apresentamos algumas que pudemos perceber em nosso estudo e/ou encontramos catalogadas em trabalhos de outros pesquisadores e em fartas reportagens na web. A primeira e talvez mais agressiva destas estratégias faz uso de robôs. Mas o que são? Os robôs são mesmo robôs (programas) com mensagens automáticas? Sim. Porém mais do que isso. Com as tecnologias disponíveis são protótipos de um certo tipo de inteligência artificial, uma vez que agem respondendo a estudos imediatos e dinâmicos. Significa que hoje não apenas atuam na geração de dados quantitativos (ou seja, multiplicando tuítes e hashtags) mas também agem qualitativamente uma vez que respondem a uma estratégia dinâmica e quase imediata de programação que estuda os comportamentos nas redes, tornando-se *social bots* ou até mesmo aquilo que os pesquisadores chamam agora de ciborgues (uma mescla de perfis humanos que se manifesta com apoio dos robôs).

Em termos quantitativos, funciona mais ou menos assim; imaginemos que um movimento social de grande representatividade esteja se mobilizando para uma greve. O contra-movimento, com ajuda dos robôs, agirá, por exemplo, no Twitter para fazer um "twitaço" que diminua a importância das manifestações do tal movimento social. E isto não é difícil de provar. Basta checar os nomes criados aleatoriamente e a frequência dos tuítes. Resumidamente funciona assim: um programa gera perfis on line automaticamente. Estes perfis são alimentados com uma base de textos e também ativados com hashtags específicas. Estes serão responsáveis por replicar mensagens de perfis verdadeiros e entre eles mesmos. Como assim? Por exemplo, você é seguido por 1.000 robôs que vão re-tuitar tudo o que querem tornar "verdade", há assim também a geração automática de tuítes pré-programados etc.

Um excelente exemplo foi a guerra entre as hashtag #BrasilEmGreve e "#AgreveFracassou. Enquanto a primeira ficou em segundo lugar no topo dos retuítes no Brasil, a segunda chegou aos trending topics da Índia! Uma prova de grande investimento que tentava desmoralizar aquela manifestação popular por meio de uma cacofonia de tuítes que acabou ultrapassando até mesmo os limites geográficos do país, evidenciando a farsa que virou notícia em toda a Web.

De onde se alimenta essa estratégia? Como saber o que a coletividade pensa e para onde ela deve ir para atingir um determinado objetivo? Além da análise e estratégia humana, hoje há empresas especializadas neste tipo de vigilância robotizada. Uma delas, que chegou ao Brasil em 2014, trabalha com um software de inteligência artificial que já foi usado, por exemplo, para fazer previsões sobre as votações no Congresso e em diversas campanhas políticas. Ele serve por outro lado



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

para direcionar as ações dos *social bots*, não ela mesma — aliás também desenvolvem tecnologia de combate a eles, ironicamente — mas gerando dados que permitem que se tenha uma leitura absolutamente transparente do quê, quando e quem deve ser "manipulado". Afinal, sabemos, informação é poder. Não é segredo que essa prática, batizada de *data mining*, é literalmente a mina de ouro na orientação das ações digitais. Notório caso foi o da eleição do presidente americano Donald Trump que coletava "tendências majoritárias" no Twitter e as espraiva no seu conteúdo a fim de ter aceitação e ampliação da sua base.

#agrevefracassou - Trending in India

2017-04-29 00:48 UTC : IN_ejtbpw

11 65 52

Publicação original em: trendsmap.com/r/IN_ejtbpw e também em:

As interações qualitativas destes robôs (*social bots*, ciborgues etc) conta com a ajuda dos perfis humanos fakes que são pagos para alimentar essa manipulação. Seja, produzindo conteúdo a ser replicado, seja interagindo com os robôs para emprestar-lhes credibilidade em seus perfis nas redes sociais. Interfere-se na manifestação democrática, maquiando e manipulando-se intenções como, por exemplo, no caso de votações de políticas públicas que em vez de responder democraticamente ao que deseja uma maioria, passam a atender o interesse de um setor minoritário, entre tantos outros exemplos, porque eles não apenas criam uma realidade falsa levando as pessoas a pensarem que uma certa ideia é majoritária, como eles mesmos ocupam espaço na sociedade digital com poder de "voto", vide centenas de consultas populares lançadas on line e que acabam virando projetos de Lei ou tendências a serem seguidas para tal. Dissemina-se o ódio com a ação integrada de humanos e robôs. Os *social bots*, ciborgues e os perfis fakes pagos se manifestam politicamente e interagem com perfis reais nas redes. Publicam e compartilham fake news, postam comentários com a única intenção de gerar uma "sensação" coletiva sobre algo, tornar unânime opiniões e captar apoio. Normalizar uma opinião ou "demonizar" outra e por meio da cacofonia, levar um determinado assunto ao topo das discussões não apenas com objetivo de mudar opiniões, mas de retirar o foco de outros objetivos maiores. Recentemente, a BBC News fez uma extensa investigação e trouxe à



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

tona depoimentos, provas factuais e deu nome (e siglas partidárias) de toda uma rede de manipulação digital que age por meio dos robôs e fakes.

Por fim, há aqueles, como falamos anteriormente, que são levados por estas ondas cacofônicas e é sobre eles que queremos nos dedicar porque, vejamos, embora exista esta cacofonia poderosa, ela só funciona, com o apoio/participação destes atores inconscientes. Mas quem são eles? Eu, você, nosso vizinho. De repente, grande parte de nós é enganada por uma fake news e/ou é levada por ondas digitais geradas pela cacofonia intencional — a criação proposital de caos nas redes a partir da escolha de um fato que mobilize opiniões divergentes. E porque isto ocorre? Porque há tantas pessoas comuns que se deixam levar por estas ondas cacofônicas? Porque pessoas de diversas origens, com variados graus de estudo e variadas posições sócio-econômicas cedem de repente a um impulso deste tipo? Não se percebem nem como propagadores de mentira e muito menos como arautos do ódio. É por não se organizarem antecipadamente e nem sempre se perceberem neste papel que os chamamos de *neo-haters*.

Haters e neo-haters

Os *haters*, como o nome diz, são os odiadores, os cavaleiros negros do apocalipse-web. Eles não podem conviver com o sucesso, com qualquer tipo de comportamento alheio que difira daquilo que entendam culturalmente como verdade. Não se trata exclusivamente de inveja, de querer o que outro tem; é mais obscuro que isso. Trata-se de tentar destruir o outro por causa de sua aparência, por causa de uma ideia, ou maneira de ser e viver diferente da sua. Os *haters* são responsáveis por espalhar mensagens desagregadoras, violentas, palavras de ódio, ou, na mais perfeita definição que pude pensar, *haters* são aqueles que, em crise ética, especializaram-se em, por meio da linguagem, desumanizar o outro, em um exercício de ruptura social, desamor e superexposição da barbárie interior. Desumanizar, como explica Edgar Morin, significa transformar em lixo, excremento um ser humano apenas porque ele é diferente de quem desumaniza (FONTE). Essa desumanização talvez seja o bálsamo psicológico de um *hater*; é aquilo que o consola. O outro merece ser odiado porque não é humano, é um nada, é algo que o incomoda, logo, torna-se um “inimigo” que não tem rosto, que não se assemelha a qualquer coisa que possa suscitar empatia. Um *hater* nunca vai se colocar no lugar do outro: ele não pode, porque o lugar que o outro habita é o motivo principal de seu ódio. Logo, na sua lógica, tudo é permitido. A fórmula do *hater* mistura uma boa dose de *bullying*, humor perverso, violência verbal e assédio. Muitos famosos são vitimados por esse coquetel e, claro, encontramos muito mais histórias que envolvem *haters* e estes personagens públicos. Nos primórdios da web, ser vítima de um *hater* era “privilegio” de famosos ou web-celebridades instantâneas. Mas hoje essa realidade difere do passado com o surgimento de um novo personagem, um *hater* repaginado: os *neo-haters*.

Neo-haters, diferentemente dos *haters* originais, são aqueles motivados por uma causa coletiva onde instauram uma espécie de julgamento sumário digital. São motivados, além do ódio, pelo desejo de castigar aquilo que julgam errado de acordo com as crenças nas quais estão inseridos. Estes *neo-haters* são também os juizes digitais. Movidos por uma “razão” que acreditam ser supostamente justificável, agem não apenas como juizes, mas principalmente como justiceiros. Há, mui-



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

tas vezes, um forte apelo emocional e moral que mobiliza os *neo-haters* e é por isso que são molas propulsoras perfeitas para a cacofonia intencional.

Comportamento de manada?

Segundo Edgar Morin (2011), quando novos sistemas se criam, qualidades que antes não se demonstravam individualmente emergem. Podemos ver este acontecimento no caso do ataque em massa originado pelos *haters* e pelos *neo-haters*. Quando agrupados são mais corajosos e muito mais agressivos. Basta observar uma publicação polêmica em uma rede social. Enquanto há apenas comentários favoráveis, de repente, se surgir um comentário agressivo ou até mesmo jocoso (mas que visa descredibilização), aqueles que estavam à espreita, sentem-se seguros para manifestar-se e então em um efeito de manada passam a atacar o objeto odiado. Isto acontece em grande escala, mas também em ações cotidianas. Como quando alguém tem qualquer tipo de visibilidade e comete um erro ou incita uma polêmica, se um dos que se incomodam com a existência na web daquela pessoa se manifesta em um comentário, logo surgem mais dois, ou três, que se encorajam na tentativa de desconstrução do outro.

A auto-organização dos *haters* (e algumas vezes dos *neo-haters*, embora os *neo-haters* sejam mais impulsivos) é organizada, agem com a dinâmica de um formigueiro. Criam a casa, debatem estratégias e montam seus ataques on line, ou seja: criam espaços on line para discutir contra o objeto de ódio, atacam o perfil em massa, discutem entre si, xingam o perfil da vítima até que de alguma maneira o perfil saia do ar ou fique inundado de ofensas. Já os *neo-haters* são mais espontâneos, embora demonstrem um apetite voraz em destruir o outro. Independente de uma motivação ser ou não “compreensível”, como no caso do ataque a criminosos (de todos os tipos), uma grande parte do problema está na sede de punição imediata, sem julgamento. Tudo isso, é muito importante ressaltar, sem que estas pessoas se percebam como *neo-haters*. O tribunal digital é instaurado instantaneamente. Sem reflexão, apenas impulso. O comportamento dos *neo-haters* é claramente voltado à desumanização do outro e está diretamente ligado às mentes sequestradas pelas crenças (Harro, 2006). Não crêem nas regras sociais, na Justiça e não se importam com os resultados da desumanização, além daquele que objetivam diretamente: a aniquilação do outro justificada por um erro ou suposto erro.

Já se enxergava esse comportamento antes das redes, sempre existiu, quem não se lembra do caso Escola Base quando com apenas informações parciais, destruiu-se a vida daquelas pessoas? O que muda, sobretudo nas redes, é a proporção da adesão, a velocidade com que isto se dá e a visibilidade que se dá à desumanização de alguém.

Há algum tempo, um político brasileiro, sabidamente corrupto, foi retirado do hospital à força para ser levado a uma prisão. A cena, grotesca, tratava-se de um evidente desrespeito à dignidade humana. Porém, nas redes em uma histeria eufórica coletiva comemorava-se o acontecido numa evidente vitória da barbárie interior contra o bom senso. Não bastava ser preso, punido. Era necessária — e foi aplaudida — a humilhação pública, o escárnio. Interessante perceber, por tratar-se de um político de um partido fisiológico, entre os *neo-haters* estavam muitas pessoas de declarada ori-



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

entação de esquerda que defendiam ferozmente os direitos humanos em outros casos. Como se roubar a dignidade de alguém em um linchamento virtual não fosse tão medonho quanto quaisquer outros tipos de linchamento. Embora o ataque ao político, neste caso específico, tenha se dado através dos jornais, toda uma horda de pessoas compartilhou nas redes milhares de vezes a foto de tal político nesta cena humilhante — em uma maca sendo retirado do hospital. Não se trata este de um exemplo clássico da atitude de *neo-haters*, mas de um preâmbulo para introduzir esta predisposição a se montar o tal tribunal digital, julgar e punir sumariamente o outro. Percebe-se que qualquer pessoa, a qualquer momento, no mundo virtual, está sob o risco de se tornar um *neo-hater* pois a linha entre expressar sua opinião, reclamar uma solução, fazer uma crítica e destruir em grupo a reputação de alguém, sem espaço de defesa, é muito tênue. Todos parecem querer julgar algo ou alguém como se, afoitos, tivessem finalmente descoberto um canal de escoamento de variados tipos de frustrações: emocionais, profissionais, políticas, sociais. Não confundamos, porém, as ações dos *neo-haters* com as ações e espaços democráticos criados on line para se clamar justiça, apontar falhas, erros, corrigir-se problemas. Tudo isto é válido e faz parte da boa natureza do ciberespaço. A diferença entre um comportamento e outro é que no primeiro caso busca-se a punição sem julgamentos válidos, apenas pautados no ódio, enquanto que no segundo caso a busca pela justiça, pelo que é correto, dá-se dentro do respeito da dignidade alheia e não obedecendo o desejo de fazer justiça com as próprias mãos.

Precisamos pensar nas causas

Não é nenhuma novidade que há uma necessidade de reforma do pensamento. Muitos teóricos da contemporaneidade tem discutido esta necessidade, mas Morin construiu um “edifício teórico”, que ele chama de “O Método”, operado pelo pensamento complexo. É preciso ensinar a compreender. E compreender pressupõe pensar criticamente levando em consideração a complexidade.

Entre os impedimentos ao pensar complexo estão as crenças arraigadas que alimentam o dualismo que impera em cada conceituação cotidiana. Fernando Haro, em seu “El secuestro de la mente”, dedica-se a dissecar as mentes sequestradas pelas crenças arraigadas. Para ele as marcas cognitivas neurológicas são tão responsáveis quanto e não existem em separado dos fatores sociológicos. Para ele, as crenças adquiridas no meio são tão fortemente introjetadas que se transformam em caminho cognitivo, maneira de pensar. Morin — que não criou o termo, mas discorre sobre ele em toda sua obra — chama à primeira destas marcas cognitivas quase indeléveis de *imprinting*, que nos assoma na primeira infância e nos segue a vida inteira.

Imprinting é a marca sem retorno imposta pela cultura, primeiramente familiar, depois social, e que se mantém na vida adulta. Inscreve-se no cérebro desde a primeira infância, pelas sinapses, e marca irreversivelmente o espírito individual no seu modo de conhecer e de agir. A isso se acrescenta a aprendizagem que elimina outros modos possíveis de conhecer e de pensar. (Morin, 2011: 210)



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Ora, nascer em berço esplêndido, ser criado em um mundo particular de privilégios e *ideias* pré-estabelecidas nos faz viver uma existência particular. Assim como nascer na favela, sem nenhuma ideia dos privilégios de outrém nos faz também nascer em outro universo... Universos estes onde estas "verdades" da infância são tomadas por nós como absolutas. Depois disso, vamos sendo alimentados pelos círculos onde convivemos e cada círculo nos imerge em uma nova crença ou reforça uma crença já existente e estas crenças vão se arraigando. Algumas delas danosas, outras nem tanto, mas todas nos impedem muitas vezes de exercer o que Morin chama de pensamento complexo, que é entender a tessitura do mundo, sem se escravizar a conceitos fechados, sabendo superar nosso instinto quase natural de pensar linearmente. Para usar exemplos bem básicos: "ladrão bom, é ladrão morto". Mas o ladrão que você quer matar já foi uma criança, já era um embrião de cidadão que na maioria das vezes não chegou até ali por "pura maldade". Poderia, se tivesse existido uma sociedade diferente ter um destino melhor. Porque matá-lo então se nós mesmos criamos leis que podem puni-lo e até mesmo, em uma aplicação ideal, reabilitá-lo? Porque matá-lo voltando à Idade Média se ele é em parte fruto de uma realidade que nós mesmos alimentamos?

Bom, mas somos uma sociedade que desliga e religa constantemente, e para isso, para desligarmos — e nos livrarmos da nossa própria consciência que nos mostraria como também estamos sendo maus ao matar o ladrão — precisamos primeiro justificar esse ato por meio da desumanização daquele. Que é "menos valoroso, que é sujo, que é um demônio, lixo, algo de inferior" e portanto, "merece morrer". Saindo desse exemplo clássico e extremo, apliquemos esse mecanismo a todos os outros casos que passeiam entre os campos ideológicos de todas as ordens. Esse juiz corrupto merece morrer. Aquele político ladrão tem que ser humilhado e acorrentado da cabeça aos pés. Ou ainda, em um nível mais assustador: negros são preguiçosos. Homossexuais são aberrações etc. Enfim, toda uma ordem de desumanização que está de um lado ligada a estas crenças arraigadas e de outro a um sistema profundamente dependente do pensamento cartesiano, de uma lógica linear.

Neste contexto, fica mais fácil entender porque se tornam estes atores involuntários vítimas dessa manipulação digital. Ora, é um problema que se antecede. É sociocognitivo. Começamos por aí. Então, quando este problema se transporta às redes, encontramos elementos novos que maximizam o exercício da desumanização. Aquilo que tem-se comumente chamado de comportamento de manada na web, por alguns jornalistas e formadores de opinião, nada mais é do que uma amostra de comportamentos psicossociais já conhecidos.

A Teoria da Dissonância Cognitiva de Festinger (1957) nos explica muito bem esse desejo de se reafirmar por meio da aprovação do outro, porque no ciberespaço estamos constantemente sendo questionados e cobrados por aqueles que se opõe a nós. Quando nos vemos diante de tantas críticas que nos fazem pensar sobre a legitimidade do nosso eu (sim, porque as crenças que levamos conosco são o nosso eu) costumamos reagir: a) negando completamente que estamos errados; b) aceitando que nossa atitude foi errada, mas sem reconhecer que nós mesmos somos/fomos maus, daí nos propomos a refazer nosso comportamento e c) reconhecemos a integralidade dos nossos atos, como errados e nós mesmos como atores culpados daquele erro/vilania. Acontece que esta última via é sempre muito dolorosa porque é uma negação de nós mesmos. É aí que o comportamento de manada é importante porque reforça os erros pois alimenta nossas crenças e se torna um looping, onde os erros vão sendo repetidos e referendados entre esta "manada". Se alguém me con-



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

tradiz em algo que estou afirmando, na reprodução de alguma crença, tipo, "homossexuais são aberrações", se sou apoiado em seguida por outros que sustentam tal ideia no mesmo espaço (em comentários etc), isto reforça a minha satisfação e fortalece minha coragem em desumanizar. Não estou sozinho. Errado é o outro... E esse é um fenômeno que foi muito privilegiado no ciberespaço e está entremeando a maneira como passamos a nos relacionar e viver on line. Aproveitam-se dessa dinâmica digital, claro, os autores da cacofonia deliberada.

E como reagir a isso tudo?

Assim como no ciberespaço existem estas potencialidades descritas, há também outras que fazem parte da construção da inteligência coletiva e que, felizmente, auxiliam no exercício do pensamento complexo. Uma delas é a possibilidade da agrupação e reordenamento cognitivo de vários elementos: imagens, vídeos, acontecimentos digitais (postagens etc), narrativas em primeira e terceira pessoa, opiniões, argumentos e contra-argumentos, entre infinitos outros. Elementos estes que continuamente se reagrupam e se ressignificam na reconstrução do fenômeno como se fosse uma metáfora do prolongamento perceptivo da segunda categoria fenomenológica peirceana, a secundidade, que é “a arena da existência cotidiana (...). Estamos continuamente esbarrando em factos que nos são externos, tropeçando em obstáculos, coisas reais, factivas que não cedem ao mero sabor de nossas fantasias”, (Santaella, 1998:47). A esta potencialidade chamamos de Materialização Multidimensional do Fenômeno - MMdoF. Acreditamos que a MMdoF possa ser uma das ferramentas de acesso ao exercício do pensamento complexo.

Quando falamos de materialização de um fenômeno estamos falando predominantemente do ciberespaço. Mesmo o cinema, a TV, o rádio fornecem uma interpretação do fenômeno encarcerada na linearidade, enquanto no ciberespaço as partes do todo podem ser “recompostas”, “manipuladas”, “tocadas” e “visualizadas”. Nesta materialização dos fenômenos no ciberespaço, há um processo contínuo de tensão: uma série de elementos se reafirmam e se contradizem até que os mais fortes se solidificam e proporcionam a materialização multidimensional do fenômeno. Obviamente que a tensão dos elementos é pontuada por várias tentativas, em alguns casos intencionais, de construção de um novo sentido ao ocorrido, como a cacofonia polifônica.

Na potencial multiplicidade dos elementos e na sua busca está a multidimensionalidade. E no ato de reagrupa-los está a materialização de um fenômeno. A possibilidade de acesso simultâneo a estes vários elementos, permite, portanto, a preponderância da lógica abdutiva superando a predominância de uma falsa lógica axiomática. Na materialização multidimensional do fenômeno o tempo é alinear e tem velocidade diferenciada, por isso é possível dialogar/manipular quase instantaneamente com os elementos do passado e do presente, comparando-os, considerando-os. Diferentemente do que acontecia nas mídias tradicionais, alimentadas quase predominantemente por uma falsa lógica axiomática onde as impressões primeiras são falsamente tomadas como verdades quase inquestionáveis.

Acreditamos que a exploração dessa potencialidade é a chave da busca da razoabilidade no mundo porque como vimos, são inimigos do pensar complexo a incompreensão, a ignorância e a



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

inécia. Se não há um grande problema de inécia, podemos dizer que a incompreensão e a ignorância podem ser superadas no aprimoramento de nossa percepção do mundo e de nós mesmos. Neste sentido, a “precisão” de nossa percepção está relacionada ao autoconhecimento, à flexibilidade, ao equilíbrio ou ajustamento interno e finalmente, ao julgamento baseado em fatos. No processo de percepção são considerados os backgrounds individuais, as experiências passadas, as diferenças individuais e o sistema de valores. Como diz Morin, as crenças e as ideias não são apenas produções de nossa mente: são também “seres” mentais, que têm vida própria e o poder de possuir-nos. A seu ver, o *imprinting* é seguido por uma normalização (FONTE). A normalização, portanto, reprime tudo aquilo que tenta contestar normas, verdades, “certezas” e tabus da sociedade. A combinação entre o *imprinting* e a normalização resultaria nesse conformismo cognitivo. E é aí que a MMdoF se efetiva nos auxiliando na luta contra esse conformismo cognitivo e todos os outros impedimentos ao pensamento complexo e conseqüente busca de razoabilidade no mundo.

Essa busca da razoabilidade depende, no entanto, de uma motivação ética não deontológica, pautada pela busca do bem comum. Uma motivação amorosa. Que Charles Sanders Peirce chama de Amor Evolucionário (1893) e Edgar Morin a exercita por meio do pensamento complexo e que nós a chamamos de Amor Complexo no ciberespaço, porque é na verdade, a equação desses ideais. Mas este assunto, abordaremos em um outro momento.

Bibliografía consultada

FESTIGER, Leon. **Teoria da dissonância**. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação**. 2. Ed. São Paulo: Vozes. 2014

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 20. Ed. São Paulo: Vozes. 2016

MARIOTTI, Humberto. **As paixões do Ego**. 3. Ed. São Paulo: Palas Athenas, 2008.

MERCKLÉ, Pierre. **Sociologie des réseaux sociaux**. Paris: La découverte, 2004.

MORIN, Edgar. **O Método 6: Ética**. 4. Ed. Porto Alegre : Sulina, 2011.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2003. Coleção Primeiros Passos. (1. ed. 1983)

SANTAELLA, Lucia. **A percepção: uma teoria semiótica**. 2. Ed. São Paulo: Experimento, 1998. [1. ed. 1993]

Links consultados:



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Artigos

BAYER, Diego e AQUINO, Bel. **Caso Escola Base. Artigo digital.**

<http://justificando.com/2014/12/10/da-serie-julgamentos-historicos-escola-base-a-condenacao-que-nao-veio-pelo-judiciario/>.

CRUZ-STEFANI, Kalyinka. **A materialização multidimensional do fenômeno no ciberespaço.**

Teccogs: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas, TIDD | PUC-SP, São Paulo, n. 10, p. 141- 157, jul-dez. 2014, http://www4.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/edicao_10/artigo.html

CHARLES S. *Peirce*; **Evolutionary Love.**, The Monist, Volume 3, Issue 2, 1 January 1893, Pages 176–200, <https://doi.org/10.5840/monist18933235>.

MARIOTTI, Humberto. **O pensamento complexo.** Artigo digital.

http://www.humbertomariotti.com.br/imagens/trabalhosfoto/272000_introducao.pdf

Reportagens

1. https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/20/opinion/1508496956_927781.html
2. <http://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/6130/4849>
3. <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/09/1524593-analise-das-redes-sociais-mostra-que-perfis-falsos-influenciaram-discussao-na-web.shtml>
4. <https://www.magicwebdesign.com.br/blog/redes-sociais/bots-os-robos-das-redes-sociais/>
5. <https://www.cartacapital.com.br/politica/como-agrevedefracassou-chegou-aos-trending-topics-na-india>